

# EROTISMO E EMANCIPAÇÃO FEMININA NA POESIA DE DUAS MULHERES

## EROTICISM AND FEMININE EMANCIPATION IN THE POETRY OF TWO WOMEN

Mailza Rodrigues Toledo e Souza<sup>\*</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo abordar o erotismo, presente nas poéticas de Hilda Hilst e Paula Tavares, como um elemento de subjetivização e emancipação do feminino. Nesta perspectiva, a construção erótica associa-se à construção da cidadania, sendo abordada aqui de um ângulo simultaneamente literário e socioexistencial.

**Palavras-chave:** Erotismo; Poesia; Feminismo; Hilda Hilst; Paula Tavares.

Os preceitos do feminismo dos anos 70 vêm sendo revisitados pelas tendências atuais que apontam para uma relação de equidade e não de dominação de um gênero sobre o outro. Deste modo, a repercussão do pensamento feminista e seus deslocamentos teóricos na (re)produção historiográfica hodiernamente assomam novos temas e põem em nova perspectiva os temas e questões seculares, visando sempre a conferir maior visibilidade às mulheres enquanto sujeitos históricos. Dessa forma:

A crítica feminista torna-se contextual, histórica e relativista, o que de início implica uma atitude crítica iconoclasta que consiste em não aceitar totalidades

---

<sup>\*</sup> Doutorado na Universidade de São Paulo - USP

críticas universais ou balizas fixas. Trata-se de historicizar os próprios conceitos com que se tem de trabalhar, tais como reprodução, família, público, particular, cidadania e sociabilidades, a fim de transcender definições estáticas e valores culturais herdados como inerentes a uma natureza feminina. (SILVA DIAS, 1994, p.375)

A citação acima é bastante oportuna para esclarecer o enfoque da leitura dos textos de Hilda Hilst e Paula Tavares que nos propomos realizar aqui. Isso porque a representação do erotismo, na poesia destas autoras, configura-se como um importante ponto de reflexão a ser discutido para uma redefinição dos processos de subjetivização e os conceitos de identidade, uma das tônicas do pensamento feminista atual. Sendo denominados neofeminismo ou pós-feminismo, esses pontos representam uma tendência que revela as metamorfoses de uma perspectiva crítica que passa do feminismo da igualdade – reducionista que tenta modelar as experiências das mulheres segundo os padrões da ciência iluminista que anula as diferenças de gênero – ao feminismo da diferença.

Já no primeiro livro de Paula Tavares, **Ritos de Passagem** (1985), se percebe um constante movimento de revisitação do passado realizado em diversas formas de representações cíclicas e de imagens que “pintam” com palavras o cotidiano das mulheres angolanas em sociedade e também imprimem poeticamente a sua erotização. Paula Tavares inspira-se, sobretudo, nas tradições, nos sons, nas cores, nos cheiros e nos elementos concretos da realidade e da experiência socioexistencial das mulheres angolanas, mais precisamente as pertencentes à tradição muçulmana, seus costumes, seu cotidiano, seus rituais.... Ao mesmo tempo, revela a necessidade de subverter a posição do sujeito feminino na sociedade, rebelando-se contra algumas práticas ancestrais, inaugurando entre os poetas de sua geração, quiçá uma nova tradição poética.

Já no que diz respeito a Hilda Hilst, observamos em sua poesia o constante questionamento de Deus e suas diversas faces e contradições: “É negro. Com luz de ouro / ... É branco e escuro / ... É Deus. / Um sedutor nato” (HILST, 2005, p. 17). Em sua obra, Eros e Tánatos representam as faces de Deus, em tudo, e por tudo, é Deus, ora sedutor, ora executor, portador de ossos e carnes. Ao longo do percurso de seu discurso poético, ela vai estabelecendo uma relação “sádica”, por vezes delirante, com Deus, paradoxalmente violenta e apaixonada, na qual em momento algum há a

negação, mas sim uma revisão conceitual ou, simplesmente, a humanização do deus judaico-cristão que ratifica a hegemonia masculina. Neste sentido podemos dizer que a poética de Hilda Hilst vem corroborar esta “atitude crítica iconoclasta” das teorias feministas atuais.

Embora a obra de Paula Tavares não contemple essa obsessão conceitual de Deus, o que é flagrante na poesia de ambas as autoras é a inclusão de temas que se referem às mulheres, que contam sua própria história e de suas antepassadas. Esses temas permitem entender as origens de muitas crenças e valores, de muitas práticas sociais frequentemente opressivas e de inúmeras formas de desclassificação e estigmatização. Nesse sentido, somente a partir de novos olhares sobre o passado, relativizando-o com o presente, poderemos encontrar as respostas satisfatórias que as Ciências Humanas, calcadas nos modelos falocêntricos nos ficaram devendo.

Segundo Bataille, “todo erotismo é sagrado” (1987, p.15) sendo essencial considerar a noção de continuidade, em oposição à descontinuidade do ser. Ao contrário do que acontece no ato da reprodução, o ato erótico conflui para um instante de domínio da violência, no qual a descontinuidade característica do ser é rompida pela sua violação. Violação esta que o transporta para a situação oposta, a de continuidade. No entanto, esta continuidade só existe na morte, pois só através dela nos livramos das limitações próprias dos seres constituídos ínfimos e descontínuos que somos.

Desse modo, torna-se bastante pertinente essa leitura que propõe perceber alguns pontos de contato entre a poesia de Hilda Hilst e de Paula Tavares, a partir do elemento erótico presente nos textos de ambas como um exercício poético revelador de subjetividades e emancipação femininas. Duas poetisas, dois lócus enunciativos distintos, uma tessitura poética similar ao (es)inscrever-se como poeta, como voz de mulher e da mulher, uma voz instauradora de identidade: de gênero, de raça, de cultura, de ser social, de gente...

Na terceira parte do livro **Ritos de Passagem**, intitulada “Cerimônias de passagem”, perscrutando o aproveitamento poético do elemento erótico, vale ressaltar o poema a seguir, no qual percebemos a representação de uma realidade existencial das mulheres análoga à político-social, ou seja, o sujeito lírico propõe a assunção de sua subjetividade antes rasurada e que, após a decisão de “saltar o cercado”, ou seja,

romper com os padrões patriarcais de identificação do ser mulher, fissura a subserviência do feminino, então vejamos:

Desossaste-me  
cuidadosamente  
inscrevendo-me

no teu universo  
como uma ferida

...

conduziste todas as minhas veias  
para que desaguassem  
nas tuas

sem remédio  
meio pulmão respira em ti

o outro, que me lembre

mal existe

Hoje levantei-me cedo  
Pintei de tacula e água fria  
o corpo aceso  
não bato a manteiga  
não ponho o cinto

VOU  
para o sul saltar o cercado

(TAVARES, 2007,p.54)

Esse olhar análogo erótico-existencial e político-social nos permite realizar uma leitura também ambivalente da primeira estrofe do poema que nos apontam para dois polos, aparentemente distintos, mas que conduzem à emancipação do sujeito poético, patente na última estrofe. Sob o olhar da vivência do erotismo, observamos que nestes versos, tanto irrompe a voz de um eu-lírico feminino mulher “por inteira”, arrebatada de si mesma para desaguar-se no outro “sem remédio”, assumindo aí conotações eróticas, problematizando também uma situação existencial em que o eu-lírico apresenta-se anulado: “meio pulmão respira em ti / o outro, que me lembre / mal existe”, busca no outro reconhecer um “sentimento de continuidade possível percebida no ser amado” (BATAILLE, 1987, p.19).

Semanticamente é possível associar este “alheamento” ao que Bataille denomina *La petite mort*, pois os amantes renascem após o gozo e ao renascer também se renovam e se fazem mais fortes, daí a necessidade da vivência erótica como “ferramenta” de busca da subjetividade. Uma vez que o gozo feminino é relegado,

cabendo às mulheres primeiramente a função de mãe em detrimento da de amante. Ao tecer esse erotismo poético as autoras põem em xeque os pressupostos religioso-culturais orientados pela visão judaico-cristã castradora e maniqueísta, na qual principalmente a mulher é proibida de vivenciar sua sexualidade, pois a castração seja ela da forma que for, emocional, mental, do corpo ou da linguagem e mesmo do corpo como linguagem, relega a sua vítima ao conformismo passivo, a uma espécie de aleijamento com sua própria natureza.

Acerca da experiência erótica como via de emancipação, reportamo-nos a Angélica Soares (1999, pp. 102-103), segundo quem, ao transgredir a proibição, a mulher investe na construção de sua identidade. Assim, o autoconhecimento erótico leva ao conhecimento do outro e do mundo e à consciência de seu poder de transformá-lo. Ou seja, ao romper com o modelo dominante da superioridade masculina, permitindo-se vivenciar sua sexualidade como uma experiência erótica, que busca o prazer e não meramente a reprodução, atuando na construção de seu próprio “eu” feminino, ela é capaz de atuar também como construtora da sociedade.

Sob essa perspectiva erótica, nos deparamos com um sujeito poético que se deixa conduzir pelo amado com a mesma naturalidade que as águas dos rios deságuam no mar. Assim, toda a primeira estrofe do poema representaria alegoricamente o ato amoroso e os seus três últimos versos a metáfora do gozo sugerida pelo alheamento do eu-lírico: “meio pulmão respira em ti / o outro que me lembre/ mal existe”. É importante ressaltar que a alienação da memória de si não pode ser imputada ao outro, mas ao próprio sujeito-lírico que se permite conduzir.

Ainda nesta senda das subjetividades, a ação sofrida pelo sujeito, revelada na sintaxe do verso: “Desossaste-me” pode sugerir também o ato de despir-se das vestimentas do corpo e das imposições sociais que lhes são imputadas, permitindo ao sujeito-lírico um encontrar-se com o próprio eu.

No entanto, se tomarmos como diretriz o aspecto político-social, poderemos ouvir a voz das mulheres, principalmente as do Sul de Angola, pertencentes ao universo *muíla* ou *mumuíla*. Este fragmento é emblemático no que tange às questões identitárias, não apenas da mulher, mas de todo o povo angolano e das demais ex-colônias, cujos povos tiveram suas identidades quebradas, desconstruídas, e que lutam para resgatar sua dignidade individual, cultural e nacional.

É importante notar, no entanto, que essas vias de leitura conduzem a um mesmo desfecho impresso nos versos das outras duas estrofes, marcadas principalmente pela inicial maiúscula, na segunda estrofe, e o grafismo em caixa alta, na terceira, ou seja, o fim da submissão e a emancipação do sujeito feminino: Hoje levantei-me cedo/ pinte de tacula e água fria/ o corpo aceso/ não bato a manteiga/ não ponho o cinto// VOU/ para o sul saltar o cercado”.

O ato de levantar cedo e pintar de vermelho<sup>1</sup> o corpo aceso revela enfaticamente um sujeito lírico determinado a transformar aquele estado de sujeição no qual se encontrava (ou se perdia). Observa-se que para tal transformação não houve uma ruptura com a tradição, mas sim uma revisitação desta, pois a atitude foi modelada em gestos ritualísticos:

ao se negar a bater manteiga e a pôr cinto, este demonstra que não se rende mais às atividades rotineiramente associadas ao cotidiano feminino rural, evidenciando a total rebeldia nos dois últimos versos: “VOU/ para o sul saltar o cercado”. A escrita do “VOU”, em letras maiúsculas, não é casual, pois torna intensa a decisão do sujeito poético, tornando-a irrevogável, ou, nas palavras de Eunice Esteves e Ana Maria Roriz, “o verbo é destacado para enfatizar a idéia de movimento, o início da mudança” (2003, p. 44). A “ida para o sul”, então, enseja a ruptura com os estereótipos relativos à feminilidade, além de carregar um significado simbólico relevante, revelador do “universo” pessoal do sujeito poético, muito provavelmente a sua região de origem. (PEREIRA, 2010, p. 222)

Além da exploração do elemento erótico, **Ritos de Passagem** é, sobretudo, a arena de um intenso e complexo diálogo entre a tradição e a modernidade, por meio do qual se realizam diversas formas de simbolização associadas à situação feminina em Angola. A matéria prima da poeta são as tradições, os sons, as cores, os cheiros e os elementos concretos da realidade do povo angolano em sua experiência socioexistencial. Assim, sua escrita configura-se como uma poesia de resgate desse povo, engajada especialmente em refletir sobre a posição da mulher dentro de uma sociedade que se reinventa, tendo o passado e o futuro pesados numa mesma balança para se construir o presente. Dessa forma, Paula Tavares nos fala dos problemas nacionais que, contudo, seguirão transcendendo para o transnacional, ou seja, sua poesia transita simbioticamente, do local para o global. Assim, cria situações

---

<sup>1</sup> “A tacula é uma espécie de tinta vermelha obtida da árvore homônima que, por friccionamento num tijolo ou pedra, e a que se vai ministrando uma pinguinha de água bastante utilizada em ritos de passagem e que, no caso, aproxima-se da simbologia da guerra.” (RIBAS,., p. 278 *apud* PEREIRA, 2010, p. 221),

discursivas que correspondem à realidade estendida numa espécie de espelho transversal que reflete/sugere a materialização da fragmentação do ser. Isso conforme insinua a plasticidade do poema acima e também de outros, nos quais observamos uma espécie de “fluência” de versos e estrofes uns adentrando-se nos outros, tal qual um movimento de fluxo e refluxo entre o eu e o outro.

Movimento similar, embora com uma disposição gráfica menos irregular, aponta o seguinte poema de Hilda Hilst:

Toma-me, A tua boca de linho sobre a minha boca  
Austera. Toma-me AGORA, ANTES,  
Antes que a carnadura se desfaça em sangue, antes  
Da morte, amor, da minha morte, toma-me  
Crava a tua mão, respira meu sopro, deglute  
Em cadência minha escura agonia.

Tempo do corpo este tempo. Da fome  
Do de dentro. Corpo se conhecendo, lento  
Um sol de diamante alimentando o ventre  
O leite da tua carne, a minha  
Fugidia.  
E sobre nós este tempo futuro urdindo  
Urdindo a grande teia. Sobre nós a vida  
A vida se derramando. Cíclica. Escorrendo.

Te descobres vivo sob um jogo novo.  
Te ordenas. E eu desliquecida: amor, amor,  
Antes do muro, antes da terra, devo  
Devo gritar a minha palavra, uma encantada  
Ilharga  
Na cálida textura de um rochedo. Devo gritar  
Digo pra mim mesma. Mas a teu lado me estendo  
Imensa. De púrpura. De prata. De delicadeza  
(HILST, 1999, p.46).

No poema acima, abrigado nos volumes **Do amor** (1999) e **Júbilo, memória, noviciado da paixão** (2001), ambos de Hilda Hilst, é flagrante o tom de erotização da linguagem, performativamente sugerindo a entrega dos amantes. Assim, podemos inferir que tanto os versos: “Toma-me... / Antes que a carnadura se desfaça em sangue/”, da autora brasileira, quanto “Desossaste-me / cuidadosamente / ... / conduziste todas as minhas veias / para que desaguassem nas tuas”, da autora angolana, guardam entre si relações semânticas que apontam para um sujeito poético feminino, aparentemente passivo, se atentarmos para a sintaxe. Por trás desta passividade, no entanto, se vislumbra a total entrega aos desejos do corpo e uma intensa vivência erótica.

A recorrente presença dos dêiticos “tu” e “ti”, no texto acima, e em todo o universo poético hilstiano, tanto pode aludir a um outro – o amado ou mesmo Deus –, como à outra exilada de si mesma, conforme declaração da própria autora em entrevista: “Eu não sinto que esteja num mundo que seja o meu mundo. Devo ter caído aqui por acaso. Não entendo porque fui nascer aqui na Terra. Com raríssimas exceções, não tenho nada a ver com este mundo” (HILST, 1999, p. 33.). Sendo assim, é no exercício poético que ela se conecta com este mundo, no qual se sente exilada.

O aspecto funesto conotado nos versos de Hilda Hilst, no entanto, vai ao encontro do que Bataille (1987, p.18) classifica como erotismo dos corpos: o erotismo dos corpos tem de qualquer maneira algo de pesado, de sinistro. “Ele guarda a descontinuidade individual, e isto é sempre um pouco no sentido de um egoísmo cínico”. Isso quer dizer que desfaz-se assim o conceito introjetado, principalmente nas mulheres, de que o sexo está relacionado primordialmente à reprodução e o desejo necessariamente relacionado ao amor, e o prazer jamais poderá ser um fim em si mesmo, evocado apenas para satisfazer os instintos do corpo. Otávio Paz reporta o fenômeno que é promovido no seu clímax da seguinte maneira:

(...) é a [experiência] do regresso à realidade primordial, anterior ao erotismo, ao amor, e ao êxtase dos contemplativos. Este regresso não é fuga da morte nem da negação dos aspectos terríveis do erotismo: é uma tentativa de compreendê-los e integrá-los à totalidade. Compreensão não intelectual, mas sensível: saber dos sentidos. (PAZ 1994, p. 28)

Este “saber dos sentidos” do erotismo é alcançado na proposição do retorno do ser a si mesmo, autoconhecendo-se e despojando-se dos saberes impostos pelos padrões falocêntricos. A vivência erótica torna-se, então, um componente de subjetivização. Nesse processo de autodescobrimento, porém, o erotismo é o desequilíbrio, por meio do qual o ser se coloca em questão, se coloca na arena dos sentidos, se perdendo objetivamente. Tendo-se em conta as relações intrínsecas entre o erotismo e a poesia, podemos observar esse estado de se perder em si mesmo, para se autoencontrar, assinalado também nos versos de Paula Tavares conforme evidencia o poema apresentado anteriormente.

Paula Tavares em seu poema “Desossaste-me” lança mão da grafia em maiúsculas para simbolizar o grito de liberdade do sujeito poético com “VOU / para o sul

saltar o cercado”. Na mesma direção, Hilda Hilst se serve também deste recurso para marcar a urgência desse sujeito em reivindicar a sua emancipação através da vivência erótica: “Toma-me AGORA, ANTES” .

A poeta angolana em seu tecer poético torna-se voz das mulheres emudecidas de seu país, abordando questões atuais e tradicionais atinentes ao universo feminino, segundo depoimento da própria autora: “As vozes das mulheres estão inscritas em mim, em meu corpo... Desde muito cedo eu ouvia vozes, vozes das mulheres emudecidas” (TAVARES, 2007)<sup>2</sup>, daí sentir-se tão comprometida com esta causa.

Hilda Hilst, conforme depoimento próprio, em entrevista concedida aos **Cadernos de Literatura Brasileira**<sup>3</sup>, teve aparentemente como principal motivação uma necessidade de auto-afirmação, especialmente por ter nascido mulher: “Minha mãe me contou que, quando eu nasci, ao saber que era uma menina, ele disse: ‘Que azar!’ Eles, na verdade, se separaram porque minha mãe estava grávida e por isso não ter sido muito bem aceito pelo pai” (HILST, 1999, p.26). O poeta Apolônio de Almeida Prado Hilst é figura marcante na vida e na memória da autora. Seja pelo sexismo do pai, no caso da autora brasileira, seja pelo sofrimento das mulheres presenciado na infância, no caso da autora angolana, o ponto de contato entre a poética de ambas se estabelece no aproveitamento poético do erotismo como elemento emancipador da mulher.

A consciência social de Paula Tavares, conforme a fala da autora relatada acima, e o “estrangeirismo” de Hilda Hilst, conforme depoimentos também já citados, confluem para a problemática existencial do ser no universo, em especial do ser mulher vivendo em um mundo regido pela moral patriarcal. Contra este estado de coisas ambas resistem através de um traçado poético no qual a partir da liberação do desejo, o eu-lírico goza de uma nova visão de mundo que, segundo Marcuse, advém de

(...) uma liberdade que desencadeará os poderes de Eros agora sujeitos nas formas reprimidas e petrificadas do homem e da natureza. Esse poderes são

---

<sup>2</sup> Este trecho consiste num fragmento da fala da autora quando de sua participação na mesa redonda “Poesia, artes e história: diálogos” apresentada no III Encontro de Professores de Literaturas Africanas, ocorrido nos dias 21 a 24 de novembro de 2007, no Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Entrevista cedida à equipe de colaboradores da edição n.8 de outubro de 1999, dos **Cadernos de Literatura Brasileira**, publicação semestral do Instituto Moreira Salles. Esses colaboradores foram: Adam Sum, Eliane Robert Moraes, Leo Gilson, Lygia Fagundes Telles, Maria Eugênia, Massao Ohno, Nelly Novaes Coelho, Renata Pallottini, Rômulo Fialdini, Telê Ancona Lopez (São Paulo); Carlos Vogt (Campinas); Millôr Fernandes (Rio de Janeiro); Jorge Coli (Nova York)

concebidos não como destruição, mas como paz, não como terror, mas como beleza. (MARCUSE, 1978, p.150).

Neste sentido, essa abordagem erótica na poesia de ambas assume também uma função socioexistencial, pois acena para um novo jeito de estar no mundo. Um estar que prima pela desopressão e valorização das subjetividades, da liberdade, da equidade e harmonia de gêneros.

### **Abstract**

The present article aims to approach the eroticism, as present in the poetics of Hilda Hilst and Paula Tavares, like an element of subjectification and emancipation of the feminine. Under this perspective, the erotic construction is associated to the construction of the citizenship, being broached here from a simultaneously literary and social-existential angle.

**Keywords:** Erotism; Poetry; Feminism; Hilda Hilst; Paula Tavares.

### **Referências**

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De Vãos e Ilhas:** literatura e comunitarismo. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de Um Discurso Amoroso.** Trad. Hortênsia dos Santos. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo.** Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HILST, Hilda. In: **CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA.** Instituto Moreira Salles. n. 8. Out. 1999.

CASTELL, Graça. A identidade subjetiva da mulher. **Revista Filosofia Capital.** v. 3, n. 6, 2008. p.32-41.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: **Estudos feministas.** Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, Ano 2, vol 2, 2. semestre 1994, p. 373-382.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. In: **Projeto História**, n. 17. São Paulo: PUC, 1998, p. 223-258.

HILST, Hilda. **Do Amor**. São Paulo, Massao Ohno , 1999.

\_\_\_\_\_. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. [organização Alcir Pécora]. São Paulo: Globo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Poemas malditos, gozosos e devotos**. [organização Alcir Pécora]. São Paulo: Globo, 2005.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. Álvaro Cabral. 7 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

PAZ, Otavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. 2. ed. trad. Wladir Dupont. São Paulo, Siciliano, 1995.

PEREIRA, Érica Antunes. **De missangas e catanas**: a construção social do sujeito feminino em poemas angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos e são-tomenses (análise de obras de Alda Espírito Santo, Alda Lara, Conceição Lima, Noémia de Sousa, Paula Tavares e Vera Duarte). Tese de Doutorado. USP- São Paulo, 2010.

Souza, Mailza Toledo e. **Do corpo ao texto**: a mulher inscrita/escrita na poesia de Hilda Hilst e Ana Paula Tavares. Tese de Doutorado. USP -São Paulo, 2009. 204 p.

SOARES, Angélica. **A Paixão Emancipatória**: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

SOIHET, Rachel (1989), **Condição Feminina e Formas de Violência**: Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920). Rio de Janeiro, Forense Universitária.